

BARBARA WEINSTEIN // CIRCUITO PENEDO // A SEMENTE DA ROMÃ // CHRISTINE SIZEMORE // ECKHOUT

KULTURA

ANO IV - N.º 48 - SEGUNDA-FEIRA, 11 DE JULHO DE 2022



1883

ISABEL MAY INTERPRETA ELSA DUTTON, NESTA SÉRIE
QUE É A PRIMEIRA EXPANSÃO DE YELLOWSTONE



SEO DITO

BAR GASTRONÔMICO



ELVIS

EM CARTAZ NO RESERVA CULTURAL - 22

BARBARA WEINSTEIN - 4
A SEMENTE DA ROMÃ - 7
MÊS DO ROCK - 9
CIRCUITO PENEDO - 18
DRÁCULA - 20
CEM ANOS MODERNOS - 24
CHRISTINE SIZEMORE - 31



KULTURA

Editor: Maurício Araújo

REVISTA KULTURA

Redação e publicidade:

Rua Miguel Jorge Cury, 13, cjs. 13 / 14, Centro, Mairiporã/SP – CEP: 07600-081

11 4484-7285 / 99529-2619 ☎ / kultura@digitaltvmedia.com.br

Reportagem: Daiene Faro Editoração eletrônica: Beatriz Campos

Colaboradores: Tamires Ramalho, Italo Medeiros, Layla Bachour e Tarcílio de Souza Barros.

BARBARA WEINSTEIN

REDAÇÃO



Barbara Weinstein

A construção de uma identidade branca, masculina e afeita ao progresso para São Paulo na primeira metade do século XX se deu por meio da contraposição com regiões menos desenvolvidas economicamente, mas não sem adotar uma postura autocentrada no que diz respeito a um projeto de nação para o Brasil. Essas são as premissas do livro “A Cor da Modernidade: A Branquitude e a Formação da Identidade Paulista”, da historiadora norte-americana Barbara Weinstein, lançado em maio pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp).

Em entrevista, a autora afirma que o estado tinha melhores condições de desenvolvimento econômico com o fim do Império, por questões como ter mais estradas de ferro e por dominar a produção e exportação cafeeira. Mesmo assim, a imigração europeia foi usada como parte desse avanço, porque contribuía para embranquecer a população. Aliado a isso, a imagem da mulher como mãe de uma classe média trabalhadora contrastaria com a representação da população de outros estados, principalmente do Nordeste.

Weinstein afirma que a revolta de

1932, conhecida como Revolução de 1932, era um movimento contra o governo, mas que não buscava a democracia, modelo que as lideranças paulistas consideravam impossível de ser adotado no país. Ao longo dos anos, a autora diz que a percepção mudou, mas que o livro ajuda a explicar por que a rebelião contribuiu com justificativas para o Golpe Militar e também pode auxiliar no debate sobre os problemas atuais do País.

Com base em quais premissas resolveu pesquisar o que a construção

de uma identidade para São Paulo representou para o País?

Barbara Weinstein: São várias. A premissa mais abrangente é que em qualquer país onde há profundas desigualdades geográficas, e não só de classes, existirá um discurso de justificação por parte das pessoas que se aproveitam dessas desigualdades, o que ocorreu no Brasil e no mundo. Detesto usar a palavra inevitável, mas era quase inevitável que a questão de raça entrasse nessas justificativas. Temos o famoso caso da Itália, onde aparentemente não há diferenças de raça na população, mas os italianos do sul foram racializados pelos do norte, conforme o filósofo italiano Antonio Gramsci já afirmou. A ideia também decorreu da minha primeira publicação como acadêmica, em inglês, que foi um ensaio sobre a questão regional no Brasil, criticando uma série de importantes trabalhos que naturalizavam demais as diferenças regionais, sem trabalhar a construção da identidade e das divisões entre as regiões. O Nordeste é uma região, mas São Paulo, que é um estado, também é uma região. Obras anteriores analisavam muito a política, e assumi a posição de estudar a história cultural e econômica. Finalmente, a terceira premissa e principal inspiração para elaborar o livro decorre do meu trabalho anterior, publicado no Brasil como “(Re)formação da Classe Trabalhadora no Brasil”. Na obra, entendi que os empresários e industriais paulistas tinham um projeto nacional, mas a nação para eles era o estado de São Paulo. Isso não quer dizer que queriam se separar do Brasil, mas que a imagem era São Paulo. Comecei a pensar em como a priorização deste estado geraria uma imagem de o restante do Brasil ser

mais atrasado.

A rebelião paulista de 1932 e o quarto centenário de fundação da cidade contribuem de que maneira para essa ideia de superioridade?

BW: A revolta de 1932 quase exigiu uma visão da superioridade, senão, como os paulistas poderiam justificar a entrada em guerra com o governo federal? Uma coisa é dizer que o governo não é legítimo, outra é pegar em armas para ir contra o governo. Acabaram sendo o único estado que fez isso, porque achavam que Rio Grande do Sul e Minas Gerais se alinhariam a eles contra o governo de Getúlio Vargas, mais isso não ocorreu. Essa rebelião é um momento perfeito não só para enfatizar o excepcionalismo de São Paulo, mas para criar um discurso da formação da identidade paulista à parte do Brasil. Os estrangeiros que começam a chegar a São Paulo reproduzem essa narrativa de superioridade e excepcionalismo. Na revolta de 1932, era preciso entender São Paulo como algo diferente do resto do país e já nos anos 1920, no contexto da República Velha, existia todo um debate sobre seu domínio econômico e político. Havia essa ideia de São Paulo como uma locomotiva que puxava vagões vazios, que eram os outros estados do Brasil. Era um discurso fácil para mobilizar a revolta de 1932. As pessoas que mais se esforçaram foram os separatistas, uma minoria que incluiu o termo revolução – mas considero “revolta” melhor. Eles influenciavam o discurso de outros grupos que não iam tão longe, mas que compartilhavam uma visão de São Paulo. Sobre o quarto centenário é um pouco mais complicado, porque, obviamente, qualquer centenário é para se comemorar. Naquele momen-

to, São Paulo aumentava sua liderança na economia brasileira e é uma ironia da história que as políticas econômicas do governo Vargas acabaram favorecendo sua posição de estado mais industrializado, com mais habitantes. Era um momento perfeito para festejar a grandeza de São Paulo, em uma década de crescente nacionalismo e com o discurso de democracia racial, então trabalho com essa tensão entre o nacionalismo e o regionalismo.

De que forma se dá a exclusão de negros e mulheres na construção da identidade paulista?

BW: No contexto do fim do século XIX, quando para mim nasce esse discurso de excepcionalismo paulista, especialmente nos anos de 1880, última década do Império e da escravidão. Nesse momento, quando o chamado racismo científico era muito comum nos países, entre aspas, “modernos”, era difícil a raça não fazer parte do debate. Ainda mais porque as lideranças paulistas tentavam imaginar o futuro do estado após o fim da escravidão, com o movimento republicano cada vez mais forte no estado. Há um livro do qual gosto muito, de Antonio Celso Ferreira, “A Epopeia Bandeirante”, em que ele fala que é natural a elite de uma região que de repente passa de uma economia fraca para o centro da economia nacional – o que ocorreu ali com o café, e por ser a região com mais estradas de ferro –, começar a pensar sobre as condições em que isso ocorre. Também há o interesse na imigração europeia, tanto pela mão de obra barata quanto pelo embranquecimento da população. Mas é muito importante insistir que São Paulo já tinha tudo para ser moderno e não foram os imigrantes que contribuíram

para isso, porque chegam a São Paulo justamente atrás dessas condições que existiam. Para a população que era escravizada e supostamente emancipada, os afropaulistas, não houve lugar nesse discurso. Eles se transformam em vestígios do passado. O livro mostra um desenho do cartunista Belmonte sobre a doação de ouro para São Paulo durante 1932, com gente de todas as classes sociais. Há uma única pessoa que é afrodescendente e é um homem muito velho, fraco, andando com uma bengala, o que indica que é uma figura do passado. Não se nega a existência dessa população, mas seria uma parte que iria ficando para trás. Já o debate sobre a mulher é mais complexo e foi algo que me surpreendeu na pesquisa. Não esperava encontrar tanto sobre a mulher na cultura e na história paulistas, especificamente no contexto de 1932. Mas sua presença era uma maneira de trabalhar com a questão da modernidade, ainda que de forma que não desorganizasse a hierarquia da sociedade. A mulher paulista é uma figura arquetípica, que tem um compromisso com a sociedade, com uma mentalidade cívica, mas ao mesmo tempo só vai à esfera pública em momentos de grande crise. De certa maneira, vira a mãe ideal da classe média. É uma figura moderna, mas não necessariamente emancipada.

Como a desigualdade social entre as regiões se relaciona com a formação da identidade paulista?

BW: Houve muitos desdobramentos, mas o fundamental é que começa nos anos da Primeira República. Tem outro livro, de Durval Muniz de Albuquerque Junior, "A Invenção do Nordeste e Outras Artes", que aborda também essa época. No início, as pessoas ainda fala-

vam "Norte" e só aos poucos "Nordeste" se consolidou como região. Durval afirma, e concordo que o mesmo ocorre em relação a São Paulo, que surge como estado mais rico e poderoso. O Nordeste fica como o Brasil da pobreza, da desordem, dos movimentos fanáticos etc. A identidade paulista não existe sem a identidade nordestina, e vice-versa. É importante entender como essa imagem permitiu que os paulistas dissessem que os impostos de exportação do café, que eram a maior fonte de verba para a esfera pública, deveriam ficar todos em São Paulo, que enviar esse dinheiro a outros estados seria gastá-lo à toa, especialmente com os do Norte. Era todo um discurso não só cultural e racista, mas também econômico. Muita gente ao ler o livro acha que é uma obra de análise de discurso, mas para mim também há o argumento materialista embutido nessa ideia da cultura e da branquitude de São Paulo.

Qual o desdobramento da contraposição de uma representação de São Paulo como desenvolvido e de um Nordeste subdesenvolvido e como isso se relaciona à questão racial e de gênero?

BW: Obviamente, existiam muitas implicações para os migrantes que vinham do Nordeste, chamados de "baianos" em São Paulo, o que já é uma maneira racializada de falar dos nordestinos. Isso explica o tratamento dado aos nordestinos, especialmente nas primeiras décadas dessa migração, quando tinham dificuldade de encontrar emprego. Adoro o livro do Paulo Fontes, "Um Nordeste em São Paulo", porque considera que não é evidente quem é a figura do paulista. Porque o Nordeste está em São Paulo, mas será que con-

tinuam nordestinos, ou viraram paulistas? Já em termos de gênero é mais complicado e não trabalhei muito com isso, mas acho que tem muito a ver com uma visão de que os nordestinos representavam uma masculinidade descontrolada, violenta, enquanto os paulistas cultivavam uma masculinidade de classe média.

Gostaria de falar mais algo sobre o tema?

BW: Uma autocrítica é a de que não trabalhei suficientemente bem no livro a relação de São Paulo capital com o estado de São Paulo. No momento de 1932, é mais evidente, por ter mobilizado gente do estado inteiro. No quarto centenário, estão festejando a fundação da cidade, mas dentro do contexto da região, não só da capital. Outro ponto é que há um pouco de decepção minha sobre algo que não se destaca para os leitores e nas resenhas. O capítulo anterior ao epílogo, que aborda as comemorações de 1932 em 1954 e 1957, revisita um termo que aparece na primeira parte do livro, a democracia. Insisto na primeira parte que democracia não era uma ideia muito importante na revolta de 1932. Muitas das lideranças paulistas trataram a democracia como algo impossível no Brasil, porque não enxergavam a maioria dos brasileiros como preparados para serem cidadãos responsáveis. É interessante que, no fim dos anos de 1950, especialmente em 1957, durante o governo de Juscelino Kubitschek, já havia um discurso de que era um movimento para a democracia. Então, no epílogo, mostro como 1932 virou depois um discurso para apoiar o Golpe Militar de 1964. Acho essa parte do livro muito interessante para se pensar a situação atual do Brasil.

A SEMENTE DA ROMÃ

REDAÇÃO

Durante a apresentação da peça “As Três Irmãs”, seis atores coadjuvantes vivem nos bastidores conflitos pessoais, profissionais e mesmo existenciais enquanto esperam a entrada em cena. Alguns desses conflitos dialogam com as questões dos personagens de Tchekhov que estão em cena, outros são relacionados com o sentido da arte e as dificuldades da profissão. Outros ainda dizem respeito às relações familiares, dificuldades financeiras e conflitos entre os elementos do grupo.

A trupe ainda vive o luto de Guilherme, velho ator que vivia o Ferapont de “As Três Irmãs” e faleceu durante a última temporada. Raul, seu substituto, é também um velho e experiente ator, mas que se nega a reconhecer suas limitações físicas e de memória e que sonha morrer no palco; Ariela é também uma velha atriz que chega ao fim da vida envolvida na luta diária pela sobrevivência; Augusto é um ator maduro que enfrenta uma crise existencial relacionada à utilidade da

arte que pratica; Kátia é uma atriz que resolve abandonar a profissão; Tônia, é uma atriz apaixonadamente engajada na luta de sua classe; e, finalmente, Díon, é um jovem e inexperiente ator que, na convivência com colegas mais velhos e experientes, reafirma sua paixão pelo teatro apesar das dificuldades inerentes à profissão.

Entre depoimentos sobre a história do teatro dos últimos sessenta anos, frustrações e alegrias proporcionadas pelo exercício do palco e problemas do

Imagem de divulgação



SISTEMA S

dia a dia, esses seis atores e personagens compõem um concerto singelo, poético e humano sobre a experiência de escolher viver da arte e pela arte do teatro.

A Companhia da Memória:

A transposição para a cena de obras literárias, a recriação de clássicos da dramaturgia, a criação e encenação da dramaturgia brasileira contemporânea, a investigação da metodologia do teatro psicofísico para o trabalho do ator e a pesquisa de uma encenação transdisciplinar tem sido algumas das marcas do trabalho da companhia ao longo de mais de dez anos de existência.

Em suas três obras iniciais, a Companhia da Memória dedicou-se ao estudo da linhagem patriarcal, explorada como força fugidia em “Rosa de Vidro” (2007), como força castradora em “Nomes do Pai” (2010) e interrompida através do ato parricida nos três espetáculos que compunham a obra “Karamázov” (2014).

Em 2016, a Companhia inicia a Pentalogia do Feminino, projeto artístico concebido por Ondina Clais e Ruy Cortez. Neste conjunto de espetáculos, a Companhia se volta à investigação da linhagem matriarcal e dos arquétipos femininos a partir de cinco obras com temas autônomos, que se desdobram e se entrelaçam sob a perspectiva do feminino: “Katierina Ivânovna (K.I.)”; Punk Rock; e Réquiem para o Desejo. A quarta parte da Pentalogia é a encenação de “As Três Irmãs” e “A Semente da Romã”.

Ficha Técnica:

TEXTO: Anton Tchekhov

TRADUÇÃO: Marina Nogaeva Tenório e Ruy Cortez

ATUAÇÃO:

Guilherme _ Sérgio Mamberti [participação especial em vídeo]

Ariela _ Walderez de Barros

Raul _ Antonio Petrin

Katia _ Ondina Clais

Dion _ João Vasconcellos

Tônia _ Maria Manoella

Augusto _ Eduardo Estrela

DIREÇÃO: Marina Nogaeva Tenório e Ruy Cortez

CENOGRAFIA: André Cortez

FIGURINO: Fábio Namatame

ILUMINAÇÃO: Nicolas Caratori

TRILHA SONORA: Thomas Rohrer

SONOPLASTIA: Aline Meyer

DESIGN SONORO: André Omote

FOTOGRAFIA: Ale Catan

ASSESSORIA DE IMPRENSA: Adriana Monteiro

ASSISTENTE DE DIREÇÃO: Conrado Costa

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO: Júlia Tavares

ASSISTENTE DE CENOGRAFIA: Stéphanie Frentin

ASSISTENTE DE ILUMINAÇÃO: Marcel

Rodrigues

ASSISTENTE DE FIGURINOS: André Von Schimonsky

DIRETOR DE PALCO: Ronaldo Dias

CONTRARREGAGEM: Júlia Tavares e Conrado Costa

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: Gabi Gonçalves

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Carol Buček
IDEALIZAÇÃO: Companhia da Memória [João Vasconcellos, Marina Nogaeva Tenório, Ondina Clais e Ruy Cortez]

PRODUÇÃO: Companhia da Memória e Núcleo Corpo Rastreado

Serviço:

Espetáculo: A Semente Da Romã, com Cia. da Memória

Onde: Sesc Pompeia | R. Clélia, 93 - Água Branca, São Paulo - SP

Quando: até 23 de julho

Duração: 180 minutos

Classificação indicativa: 14

Ingressos: [Compre aqui](#) | Inteira R\$ 40, meia-entrada R\$ 20, credencial plena R\$ 12

Imagem de divulgação



MÊS DO ROCK

REDAÇÃO



Foto: Karina Loyola / Divulgação

Para celebrar o Dia do Rock, em 13 de julho, o Circuito Municipal de Cultura promove uma série de eventos que ocupam os equipamentos culturais municipais da capital paulista durante os fins de semana de julho.

Com uma programação diversa, o Mês do Rock exalta uma variedade de subgêneros do rock contemporâneo, como o punk, metal, hardcore e psicodelia. Nos equipamentos culturais, sobem aos palcos tanto nomes veteranos, como Tutti-Frutti, Mercenárias, Violeta de Outono e Dominatrix, quanto aqueles que vêm ganhando notoriedade em festivais nacionais e internacionais - Boogarrins, Test, Black Pantera e Ema Stoned.

Para garantir uma boa experiência ao público, o projeto GIRLS ROCK CAMP

BRASIL oferece ao público infantil diversas atividades musicais e cria um espaço dedicado ao empoderamento e protagonismo de crianças por meio de música e da arte.

As apresentações circulam pelas Casas de Cultura Butantã, Vila Guilherme, São Rafael, São Mateus, Hip Hop Leste, Chico Sciense (Ipiranga), Freguesia do Ó e Campo Limpo; pelos Centros Culturais da Juventude, Penha, Grajaú, Santo Amaro, Tendal da Lapa, Galeria Olido; e pelo Teatro Flávio Império.

Confira a programação completa.

Dead Fish

Dead Fish volta aos palcos com a turnê 30+1, que celebra seus trinta e

um anos de estrada. Esta turnê contará com um repertório especial, trazendo o melhor do que a banda criou neste período. Entre as músicas que serão apresentadas, estão as do álbum Ponto Cego, lançado em 2019 com faixas inéditas de forte teor lírico e crítico sobre a situação política, econômica e social do Brasil, e as do álbum Lado Bets, de 2020, que levou as raridades da banda pela primeira vez ao streaming. Os shows da turnê 30+1 começaram em Janeiro de 2022 e até dezembro a banda passará por todo Brasil.

| Casa de Cultura Hip Hop Leste. Rua Sara Kubitscheck, 165 A - Cidade Tiradentes. Domingo. 17/07, às 20h.

Menores Atos



Menores atos

Imagem de divulgação

O trio formado por Cyro Sampaio (guitarra e voz), Celso Lehnemann (baixo) e Ricardo Mello (bateria) entrega um show lindo e intenso, seja no palco do Lollapalooza, onde tocaram este ano, ou numa casa pequena. O show dos Menores Atos com certeza vai te tocar de alguma forma.

| Casa de Cultura Campo Limpo. Rua Aroldo de Azevedo, 100 - Jardim Bom Refúgio. Sábado. 30/07, às 16h.

Violeta de Outono

O Violeta De Outono, surgido em meados dos anos 80, se reúne com a formação original para interpretar músicas dos seus discos clássicos e músicas que estarão no seu próximo álbum que está sendo gravado.

| Casa de Cultura São Mateus. Rua Monte Mandira, 40 - Jardim Nove de Julho. Sábado. 16/07, às 19h45.

Emas Stoned

A banda Emas Stoned apresenta o show "Devaneio", trazendo músicas conhecidas e composições em experimento, além de material inédito a ser lançado, numa atividade criativa de composição coletiva, ancorada na presença no presente, em um constante fluxo de trocas sonoras.

| Casa de Cultura São Mateus. Rua Monte Mandira, 40 - Jardim Nove de Julho. Sábado. 16/07, às 18h15.

| Centro Cultural Tendal da Lapa. Rua Guaicurus, 1100 - Água Branca. Domingo. 24/07, às 18h.

| Centro Cultural Galeria Olido. Avenida São João, 473 - Centro Histórico de São Paulo. Sábado. 30/07, às 16h.

Boogarins

Texturas, improvisos, quatro amigos que se entrelaçam para transformar

e sentir o som. Formado em 2012 em Goiânia, a banda Boogarins traz frescor e energia a constante evolução da música brasileira, buscando sempre a quebra/construção de expectativas diversas, juntos, Benke Ferraz, Fernando Almeida, Raphael Vaz e Ynaiã Benthroldo fazem magia em camadas sonoras de canções fortes que reverberam os sombras e dúvidas do existir dos dias de hoje.

| Casa de Cultura Ipiranga. Rua Abagiba, 20, Av. Pres. Tancredo Neves, 1265 - Vila Moinho Velho. Domingo. 17/07, às 17h.

| Centro Cultural Tendal da Lapa. Rua Guaicurus, 1100 - Água Branca. Domingo. 24/07, às 15h.

Dominatrix

Mais necessária do que nunca, as paulistanas do Dominatrix trazem seu feminismo punk para a programação do

Mês do Rock no Circuito Municipal de Cultura. Formada pela vocalista e guitarrista Elisa Gargiulo em 1995, a banda é a principal representante do movimento riot grrrl no Brasil. Depois de participar do EP “Ventre Laico Mente Livre”, com a música “Meu Corpo É Meu”, a banda de hardcore feminista Dominatrix, fundada em 1995, segue na estrada com sua mensagem punk feminista. Produzido pela vocalista e guitarrista do Dominatrix Elisa Gargiulo, o EP conta com músicas de Mulamba, Juliana Strassacapa (Francisco El Hombre), Brisa Flow, Luana Hansen, além do Dominatrix. O EP, que também saiu em vinil, foi criado para debater os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e também conta com participações especiais de Ekena, Raissa Fayet e Moyenei Valdés. Além de “Meu Corpo É Meu”, o Dominatrix toca em seu show músicas do primeiro disco, juntamente com músicas de outros discos, coletâneas e demos, lançados sempre de forma independente.

| Casa de Cultura Ipiranga. Rua Abagiba, 20, Av. Pres. Tancredo Neves, 1265 - Vila Moinho Velho. Domingo. 17/07, às 18h30.

| Centro Cultural Galeria Olido. Avenida São João, 473 - Centro Histórico de São Paulo. Sábado 30/07, às 19h.

O Grilo

Os meninos d’O Grilo prometem um bocado: existencialismo, romance, dúvidas da juventude. Tudo isso misturado com muita ironia e leveza. Esse grupo de 4 amigos com referências muito diversas que, juntos, misturam tudo num caldeirão de muita brasilidade, resultando numa sonoridade única. O quarteto é a mistura perfeita para uma banda cheia de autenticidade. A junção de Pedro, Lucas, Felipe e Gabriel formam uma plurali-

dade de referências que vem de Manaus até o Rio de Janeiro.

Assim, ritmos brasileiros, guitarras de rock e muita poesia na letra se misturam nas músicas. Donos de um hit no TikTok “Serenata Existencialista”, O Grilo coleciona números equiparados a grandes grupos do cenário alternativo brasileiro. A banda também já conquistou o coração de grandes festivais, como o Lollapalooza que convidou O Grilo a abrir o Palco Onix em 2019 em conjunto com a Rádio Rock 89.

| Casa de Cultura Hip Hop Leste. Rua Sara Kubitscheck, 165 A - Cidade Tiradentes. Domingo. 17/07, às 16h.

| Casa de Cultura Campo Limpo. Rua Aroldo de Azevedo, 100 - Jardim Bom Refúgio. Sábado. 30/07, às 18h.

Black Pantera

O power trio de Uberaba surgiu em 2014 e lança seu primeiro álbum um ano depois, colhendo excelentes críticas em várias partes do mundo. Abriram shows de grande expressão nacional e internacional como Slayer, Sepultura e se apresentaram em festivais como Porão do Rock 2017 e 2021, Virada Cultural, Download FR (2016) e Afropunk FR (2016), NY (2018) e Miami 2021. Em 2022, a banda está no line up de festivais como Rock In Rio e do Primavera Sound.

| Centro Cultural Tendal da Lapa. Rua Guaicurus, 1100 - Água Branca. Domingo. 24/07, às 16h30.

Queen Tribute Brazil

O Queen Tribute Cover traz aos palcos um trabalho que resgata com fidelidade e muita emoção, musicalmente e visualmente, os clássicos que eternizaram a Rainha do Rock. Clássicos que se mantêm no topo das paradas até os dias atuais, atraindo tanto as novas gerações

quanto aquelas que acompanharam a banda desde o começo. O Queen Tribute Brazil tem tocado em casas de shows, eventos, shoppings, empresas, particulares e teatros sempre com sucesso de público. No repertório, músicas memoráveis como Bohemian Rhapsody, We Will Rock you, Under Pressure, Radio Ga Ga, We are the Champions, Love of my Life, Crazy Little Thing Called love, Another One bites The Dust, Somebody to Love e muito mais. Em 2018 a banda foi convidada para se apresentar na estreia do filme “Bohemian Rhapsody”. Em 2021 foi vencedora do “Prêmio Profissionais da Música” na categoria cover.

| Centro Cultural Grajaú. Rua Prof. Oscar Barreto Filho, 252 - Parque América. Sábado. 16/07, às 16h.

Power Blues

Com um repertório autoral sacramento no autointitulado álbum de estreia lançado em 2019 mais as novas composições já totalmente elaboradas para o segundo disco que será gravado nos próximos meses, o Power Blues mantém viva a linhagem do rock and roll brasileiro celebrada no passado por grandes nomes como Rita Lee & Tutti Frutti, Mutantes, Joelho de Porco, Casa das Máquinas e, claro, o próprio Made in Brazil. Sempre com shows vibrantes e empolgantes, mesmo durante a pandemia – as apresentações em várias “lives” de prestígio, como aquelas do Kiss Club, da Kiss FM, e no festival Rock in SP on Line atestam isso -, exatamente como tem que ser o rock nacional. Já em 2022, após a pandemia, a banda se apresentou no festival Rock in SP ao lado de grandes nomes do rock nacional bem como em shows presenciais.

| Centro Cultural Grajaú. Rua Prof. Oscar Barreto Filho, 252 - Parque América.

Sábado. 16/07, às 17h30.

Test

Inicialmente conhecida por tocar na porta de grandes shows de metal, com um gerador alimentado por uma Kombi, o Test cresceu desde que começou a se apresentar na rua, em 2011. A banda já dividiu palcos - desta vez do lado de dentro, como banda de abertura ou principal - com gente como King Diamond, Napalm Death, Carcass, Exodus, Brujeria e Cannibal Corpse para citar alguns. A propósito de citações, alguns fãs declarados do Test incluem Shane Embury, baixista do Napalm Death, e os irmãos Max Cavalera e Iggor - Iggor Cavalera, por sinal, que elegeram Barata, baterista do Test, como um dos 9 melhores bateristas de todos os tempos. Além de tocar com artistas de renome da música pesada, o Test também participou de dois dos principais festivais de música ex-

trema do mundo: o "Obscene Extreme", na República Tcheca, e o "Maryland Deathfest", nos EUA. Balanço até aqui: Com um ritmo compulsivo de gravações e shows, o Test chega aos quase 13 anos de vida com doze álbuns (entre full-length e EPs) e mais de 700 shows em todas as regiões do Brasil, e 13 turnês estrangeiras (EUA, México, Argentina, Colômbia, Paraguai, Uruguai e Europa). A formação também passou por experimentações: originalmente uma dupla, o Test adotou o formato "big band" em alguns shows, com mais de 14 músicos num mesmo palco. A ideia foi evidenciar as diferentes texturas e dinâmicas das músicas do segundo álbum.

| Casa de Cultura Ipiranga. Rua Abagiba, 20, Av. Pres. Tancredo Neves, 1265 - Vila Moinho Velho. Domingo. 17/07, às 20h.

| Centro Cultural Galeria Olido. Avenida São João, 473 - Centro Histórico de

São Paulo. Sábado. 30/07, às 17h30.

Silver Rock

Silver Rocks é uma banda de Sorocaba, interior de São Paulo, que desde de 2020 é presença constante na cena musical com repertório variado passeando pelo rock; desde o tradicional até os mais dançantes. Durante estes 22 dois anos de palco já abriram grandes shows como o da banda Titãs (2001), Jota Quest (2004 e 2009), Cidade Negra (2003), Skank (2003 e 2022), Engenheiros do Hawaii (2005), Gram (2006), Capital Inicial (2008), Roupa Nova (2008 e 2009), Ivete Sangalo (2009), Tom Zé (2010), Nasi (2011), Rodrigo Teaser (2019), Sidney Magal (2021), Edson & Hudson (2021) entre outros. Músicos virtuosos, repertório inovador e diversificado dentro do Rock internacional e nacional, obtendo sempre uma participação intensa do público que faz uma troca sensacional com os músicos e

Foto: Giulia Lima



O Grilo

SHOW

tornam o evento muito especial. A Silver Rocks também tem um trabalho autoral que já coleciona elogios por onde se apresentam, desenvolvido com muita dedicação e cuidado essa nova faceta da banda que vem se despontando já conta com um álbum e um single. A formação atual, conta com Thiago Teixeira (bateria e voz), Alessandro Rosa (baixo e voz), Kiko (guitarra e voz) e Paulo Xuxa (vocalista), promete contagiar o público a ponto de transformá-los na quinta voz da banda com os maiores hits do ROCK.

| Centro Cultural Santo Amaro. Avenida João Dias, 822 - Santo Amaro. Sexta. 22/07, às 15h.

Sinaya

Com 12 anos de carreira, Sinaya atualmente é a primeira banda de Deathcore do mundo formada apenas por mulheres. Com 1 EP e 1 álbum lançado, a banda lançou recentemente 2 singles, sendo um deles, com participação exclusiva do CJ McMahon, vocalista da banda de Deathcore Australiana Thy Art Is Murder. Fundada em 2010 na cidade de São Paulo – Brasil, Sinaya atualmente é a primeira banda de Deathcore do mundo formada apenas por mulheres. Ao longo de uma carreira que se estende por mais de 10 anos, a banda lançou um EP – “Obscure Raids”, três singles e dois álbuns de estúdio – o primeiro, “Maze Of Madness” (2018) produzido por Marcello Pompeu (Korzus), e o segundo, produzido por Thiago Bianchi (Noturnall, ex-Shaman), que já trabalhou com grandes nomes do Metal Nacional e Internacional, como Mike Portnoy, Aquiles Priester, Edu Falaschi e James Labrie. O lançamento está previsto para 2022. A banda também tem um extenso currículo de shows, tendo realizado turnês pela América do Sul e Europa – nesses

passando por mais de 10 países e mais de 30 cidades – além de ter tocado em Festivais de Metal na Suíça, Brasil e Peru, e dividindo o palco com renomadas bandas, como Suffocation, Exodus, Abbat, Primal Fear, Amon Amarth, Pyrexia, Pathology, Vader, entre outras.

| Centro Cultural Santo Amaro. Avenida João Dias, 822 - Santo Amaro. Sexta. 22/07, às 17h.

Tutti-Frutti

Luiz Carlini montou o TUTTI FRUTTI em Julho de 1973 para trabalhar com Rita Lee que já era amiga dos músicos e havia deixado os Mutantes. Foram 5 anos de trabalho, um compacto duplo, 2 compactos simples, várias músicas em novelas da Globo, vários hits nas rádios, tours pelo Brasil e os 5 álbuns feitos em conjunto : “Atrás do Porto tem uma cidade” (1974), “Fruto Proibido” (1975), “Entradas e Bandeiras” (1976, quando foi eleito guitarrista do ano pelas revistas POP e Rolling Stone), “Babilônia” (1978) e Resfestança (1978, com Gilberto Gil). Em 1978, Luiz Carlini separa-se do projeto com Rita Lee e segue com a banda TUTTI FRUTTI em nova formação

| Centro Cultural Santo Amaro. Avenida João Dias, 822 - Santo Amaro. Sexta. 22/07, às 19h30.

Pepe Bueno & Os Estranhos

No novo show, além do repertório de inéditas, todas cantadas em português, o grupo traz referências desde Guilherme Arantes a Rita Lee & Tutti Frutti, passando pelas versões que estão no disco como Agora Eu Sei, gravada por Roberto Carlos em 1972, uma versão em espanhol para Dentadura Postiça, clássico de Raul Seixas, além de psicodelias e rocks de Pepe Bueno, misturados ao blues, com muita brasilidade.

Pepe Bueno (baixo e voz), Xande Saraiva (guitarra e voz), Chico Suman (guitarra e voz), Gabriel Martini / Junior Muelas (bateria), Alberto Sabella (teclado) sobem ao palco acompanhados por convidados especiais como Ricardo Vignini (viola), Sergio Duarte (gaita), Tata Martinelli (voz), Xando Zupo (guitarra), Fernando Ceah (voz) e o vocalista Fabian Famin do grupo Raíces de América.

| Casa de Cultura Freguesia do Ó. Largo da Matriz de Nossa Senhora do Ó, 215 - Freguesia do Ó. Sábado. 23/07, às 16h.

Golpe de Estado

Com mais de 35 anos de carreira e um legado indiscutível no rock nacional, autora de hits absolutos tais como “Caso Sério, Paixão, Noite de Balada, Não é Hora” e diversas outras, a banda Golpe de Estado acaba de lançar seu novo álbum, intitulado Caosmópolis (2022). Mesmo após o falecimento do ícone Helcio Aguirra (guitarra), o baixista e fundador Nelson Brito decidiu se juntar ao seu ex companheiro de banda Roby Pontes (bateria) além de recrutar o guitarrista Marcelo Schevano (Carro Bomba/Casa das Máquinas) e o vocal João Luiz (Casa das Máquinas). Para essa turnê a banda também conta com o apoio de Matheus Shanoski (teclados) e vem passando por diversas cidades do Brasil levando o que a banda sempre primou, um hard rock de qualidade com letras ácidas em português. Vida longa ao Golpe de Estado!

| Casa de Cultura Freguesia do Ó. Largo da Matriz de Nossa Senhora do Ó, 215 - Freguesia do Ó. Sábado. 23/07, às 17h30.

Miro de Melo & Os Bregapunks

Uma releitura musical e uma grande homenagem, sincera e honesta, aos cantores chamados de” Bregas Român-

SHOW

ticos". Com uma sonoridade Punk Rock e Rock'n'roll Reginaldo Rossi, Odair José, Angelo Máximo, Paulo Sérgio, são cantados de forma pulsante romântica e vigorosa pelo Bregapunks. Idealizado por Miro de Melo vocalista, Bateria, Líder e Fundador da Banda

Paulista 365. Grupo que emplacou vários hits nos anos 80, entre elas a Clássica "São Paulo", com o refrão eterno. "Sem São Paulo o meu dono é a solidão, diga sim, que eu digo não"... Agora Miro de Melo além de assumir o vocal principal deste projeto juntamente com Josi Campos(Guararema), dirige, produz e se encarrega de toda concepção musical e direção.

| Casa de Cultura Freguesia do Ó. Largo da Matriz de Nossa Senhora do Ó, 215 - Freguesia do Ó. Sábado. 23/07, às 20h30.

Made in Brasil

Banda de Rock e Blues, Made in Brazil, paulista do bairro da Pompéia, está em turnê nacional desde outubro de 1974. A banda em sua discografia oficial

Foto: Raphael Castejon /Divulgação

lançou 24 discos. Atualmente comemora os seus 55 anos de atividades tocando pelo Brasil e aproveitando, para lançar seu disco de número 24º e seu quarto DVD. A banda consultou o Guinness Book e pediu o reconhecimento de dois recordes mundiais, como a banda de Rock brasileira (e Mundial), com mais formações oficiais (203º) e também, como a banda de rock que teve em sua história a participação de um exército de músicos e cantores, sendo 119º no total, desde sua fundação em 1967.

| Centro Cultural Grajaú. Rua Prof. Oscar Barreto Filho, 252 - Parque América. Sábado. 16/07, às 19h.

Girls Rock Camp Brasil Ritmo e Compasso

Tem como objetivo sensibilizar para os ritmos cotidianos, entendendo-os como parte da nossa existência que respira e pulsa. Serão trabalhados exercícios que terão como base o caminhar, desenvolvendo a noção de pulsação, juntamente com práticas de divisões rítmicas e criações a partir delas. No final,

será realizada uma vivência com percussão corporal: música e ritmo a partir dos sons do corpo.

Atividade de Palco e Performance

Música enquanto experiência corpórea. Absorvemos a música, desde audição, por meio de intenso contato físico. Música é movimento e toque tanto no sentido literal quanto no figurado, pois respondemos aos estímulos sonoros tanto fisicamente quanto emocionalmente. A performance que empodera o corpo Performance é expressão, e para chegar a ela precisamos viver os processos que nosso corpo nos coloca. Toda mensagem que passamos através da música, seja cantando ou tocando um instrumento, passa pela história do nosso corpo e de como chegamos ao momento presente. Nos empoderar de nós e de nossos corpos é o que dá à performance o impacto de comunicar nossa história e mover os outros.

Atividade de Voz

A voz como forma de expressão artística e potência de empoderamento infantil e juvenil tendo suas características específicas precisam de um certo cuidado ao se trabalhar pois tem características diferentes da voz adulta.

| Casa de Cultura São Rafael. R. Quaresma Delgado, 354 - Jardim Vera Cruz. Sexta. 15/07, às 10h. (Ritmo e Compasso)

| Casa de Cultura São Rafael. R. Quaresma Delgado, 354 - Jardim Vera Cruz. Sexta. 15/07, às 14h. (Voz)

| Casa de Cultura São Rafael. R. Quaresma Delgado, 354 - Jardim Vera Cruz. Sexta. 15/07, às 15h30. (Palco e Performance)

| Casa de Cultura Campo Limpo. Rua Aroldo de Azevedo, 100 - Jardim Bom Refúgio. Sábado. 30/07, às 14h. (Ritmo e Compasso)



Golpe de Estado

**Sonho
não tem
idade**



PEÇA AJUDA

VOCÊ NÃO ESTÁ SÓ!

SE VOCÊ ESTÁ VIVENCIANDO ALGUMA DAS SITUAÇÕES ABAIXO, PODE ESTAR SENDO VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

- | | | | |
|--------------------------|---|--------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> | humilhações, insultos ou ser abordada aos gritos | <input type="checkbox"/> | cárcere privado |
| <input type="checkbox"/> | privação do convívio familiar e de amigos | <input type="checkbox"/> | ameaça com qualquer tipo de arma |
| <input type="checkbox"/> | sexo contra sua vontade ou obrigação de fazer o que não gosta | <input type="checkbox"/> | assédio psicológico ou tortura |
| <input type="checkbox"/> | negação no uso do preservativo | <input type="checkbox"/> | seu próprio dinheiro controlado |
| <input type="checkbox"/> | proibição na prevenção da gravidez | <input type="checkbox"/> | impedimento de realizar compras com seu dinheiro |
| <input type="checkbox"/> | acusações injustas, calúnias | <input type="checkbox"/> | ter seus objetos destruídos |
| <input type="checkbox"/> | empurrões, chutes, socos, tapas e outras agressões físicas | <input type="checkbox"/> | proibição de trabalhar |
| <input type="checkbox"/> | perseguições ou ameaças | <input type="checkbox"/> | bens e propriedades ocultados |

NÃO SE CALE. DENUNCIE!

Se você vem sendo agredida, **você não é culpada**, você é vítima. Não há como prever que você será vítima de violência doméstica, mas há como reagir e se defender. As vítimas precisam de **apoio e segurança para recomeçar**. Os criminosos precisam **ser denunciados**.

CIRCUITO PENEDO DE CINEMA

REDAÇÃO

Em edição híbrida (on-line e presencial) e totalmente gratuita, o Circuito Penedo de Cinema chega à 12ª edição, que acontece de 14 a 20 de novembro de 2022, consolidando-se como uma das iniciativas mais importantes de estímulo à produção e difusão do audiovisual brasileiro. As inscrições para os curtas começam nesta segunda-feira (13) e seguem até o dia 15 de julho. As inscrições são gratuitas.

Os realizadores devem se inscrever online exclusivamente através da plataforma FilmFreeway.

As produções podem ser inscritas em uma das três mostras competitivas que compõem o Circuito: 15º Festival do Cinema Brasileiro de Penedo, aberto para todos os realizadores, sem nenhuma restrição de abordagem, exceto filmes publicitários e institucionais; 12º Festival de Cinema Universitário de Alagoas, direcionado para produções feitas nas instituições de ensino superior e escolas técnicas de cinema de qualquer parte do país; e 9º Festival Velho Chico de Cinema Ambiental que recebe curtas com temáticas direcionadas ao

meio ambiente, com abordagem nos ambientes natural ou antrópico.

Para concorrer, os proponentes têm que ser diretores ou produtores dos filmes, que devem ter até 25 minutos de duração, incluindo os créditos, e não haver participado de seletivas em edições anteriores do Circuito Penedo. O resultado da seleção está programado para ser divulgado no dia 31 de agosto de 2022.

As produções selecionadas para as Mostras Competitivas serão avaliadas por um Júri Oficial convidado pelo fes-

Imagem de divulgação



MOSTRA

tival, a ser divulgado posteriormente, e também por um Júri Popular, que será definido a partir da votação do público durante o evento. Os realizadores concorrerão ao Troféu Canoa de Tolda de melhor filme em cada categoria (Brasileiro, Universitário e Ambiental).

Além das tradicionais Mostras Competitivas, o Circuito conta com a Mostra Não-Competitiva de Cinema Infantil, que também está recebendo propostas de curtas-metragens. A seleção da curadoria se dará a partir das inscrições voluntárias dos produtores, conforme o edital lançado nesta segunda-feira.

Para maiores esclarecimentos e dúvidas sobre o edital, comunicar pelo e-mail producao.circuitopenedo@gmail.com.

O Circuito Penedo de Cinema

Ano após ano, o Circuito se reinventa e busca abrir espaço para novas discussões, sempre reafirmando seu papel como instrumento para olhares e perspectivas sobre o vasto patrimônio audiovisual alagoano e nacional, em diálogo com a educação. Durante sete dias, a cidade histórica de Penedo recebe uma programação intensa e gratuita. Com a execução também digital do Circuito, além dos filmes disponibilizados no site do evento, debates, rodas de conversa e oficinas passaram a acontecer em formato online. O programa engloba ainda a exibição de longas-metragens brasileiros e uma retrospectiva da Mostra Sururu de Cinema Alagoano.

O festival se apresenta como lugar de

resistência e luta diante das situações adversas para o campo da cultura no país. É nesse contexto de reafirmação do cinema nacional, de suas produções e da empregabilidade promovida pelo setor que o evento se faz ainda mais importante.

O Circuito, composto por três festivais competitivos, mostras não-competitivas e pelo 11º Encontro de Cinema Alagoano, é uma realização do Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo (IECPS), da Secretaria de Estado da Cultura (Secult) e da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), com patrocínio do Comitê da Bacia Hidrográfica (CBHSF), da Prefeitura de Penedo e do Sebrae Alagoas.

Imagem de divulgação



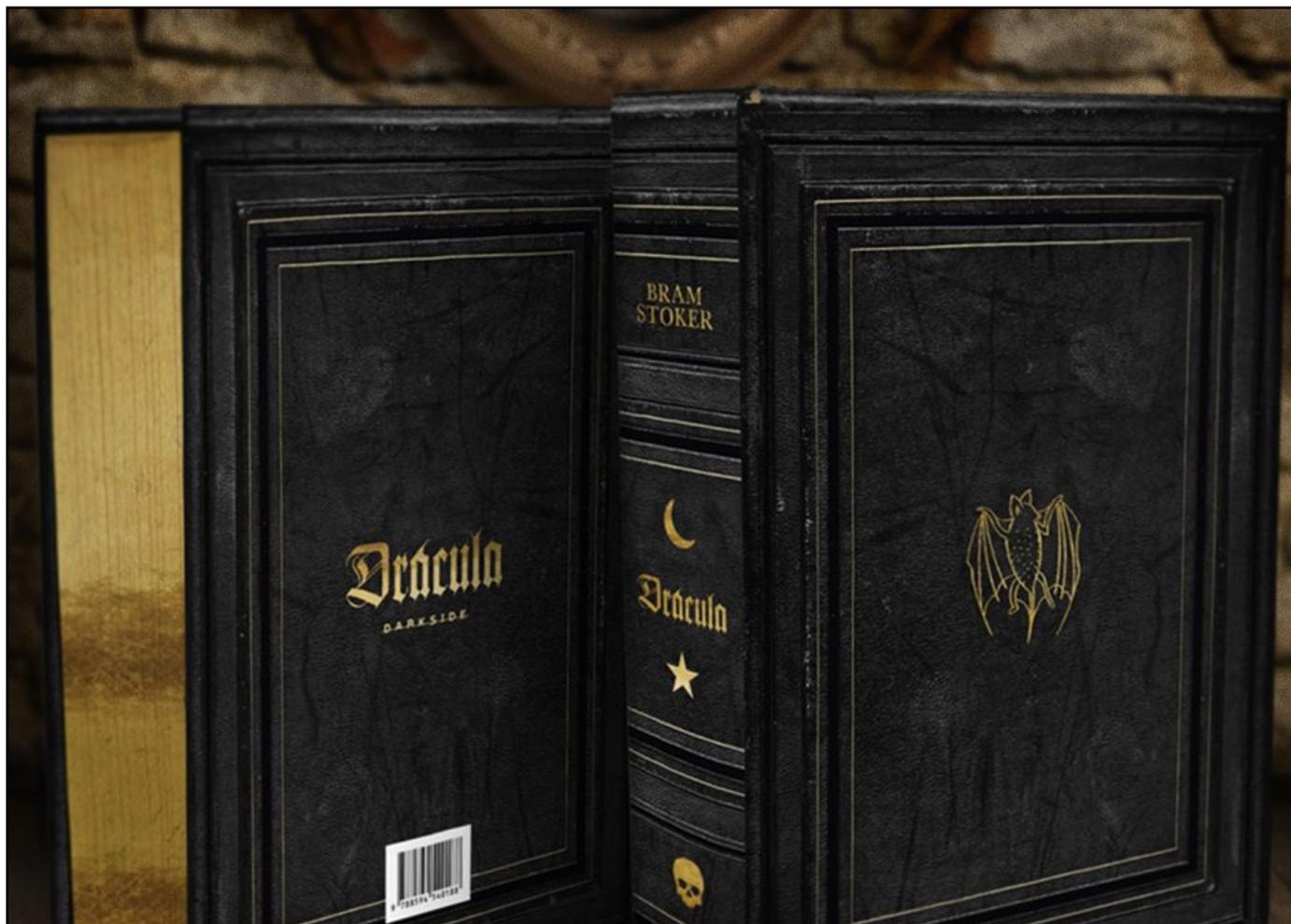


Imagem de divulgação

DRÁCULA

REDAÇÃO

Drácula, um clássico que ainda corre quente na veia de inúmeras gerações de leitores por todo o mundo e a mais celebrada narrativa de vampiros, continua a transcender fronteiras de tempo, espaço, história e memória.

Mais de 120 anos após sua primeira publicação, o romance epistolar mobiliza leitores e estudiosos, confirmando o vigor perene de uma árvore cujas sólidas raízes respondem pela vitalidade de suas ramificações. Embora o famoso conde não tenha sido o primeiro vampiro literário, certamente é o mais popular, sugado e adaptado para

inúmeros universos: teatro, cinema, quadrinhos, séries e brinquedos, o semblante é reconhecido até mesmo por aqueles que nunca leram o romance. Ele está em todos os lugares.

A obra atemporal de Bram Stoker narra, por meio de fragmentos de cartas, diários e notícias de jornal, a história de humanos lutando para sobreviver às investidas do vampiro Drácula. O grupo formado por Jonathan Harker, Mina Harker, dr. Van Helsing e dr. Seward tenta impedir que a vil criatura se alimente de sangue humano na Londres da época vitoriana, no final do século XIX.

Um clássico absoluto do terror, Bram Stoker define em Drácula a forma como nós entendemos e pensamos os vampiros atualmente. Mais que isso, ele traz esse monstro para o centro do palco da cultura pop do nosso século e eterniza o vilão de modos refinados e comportamento sanguinário.

Não é de agora que os leitores clamam por uma edição de Drácula feita pela DarkSide® Books para honrar o legado do mestre Bram Stoker. Uma obra tão grandiosa quanto essa será publicada em duas versões, para nenhum vampiro colocar defeito: FIRST EDITION,

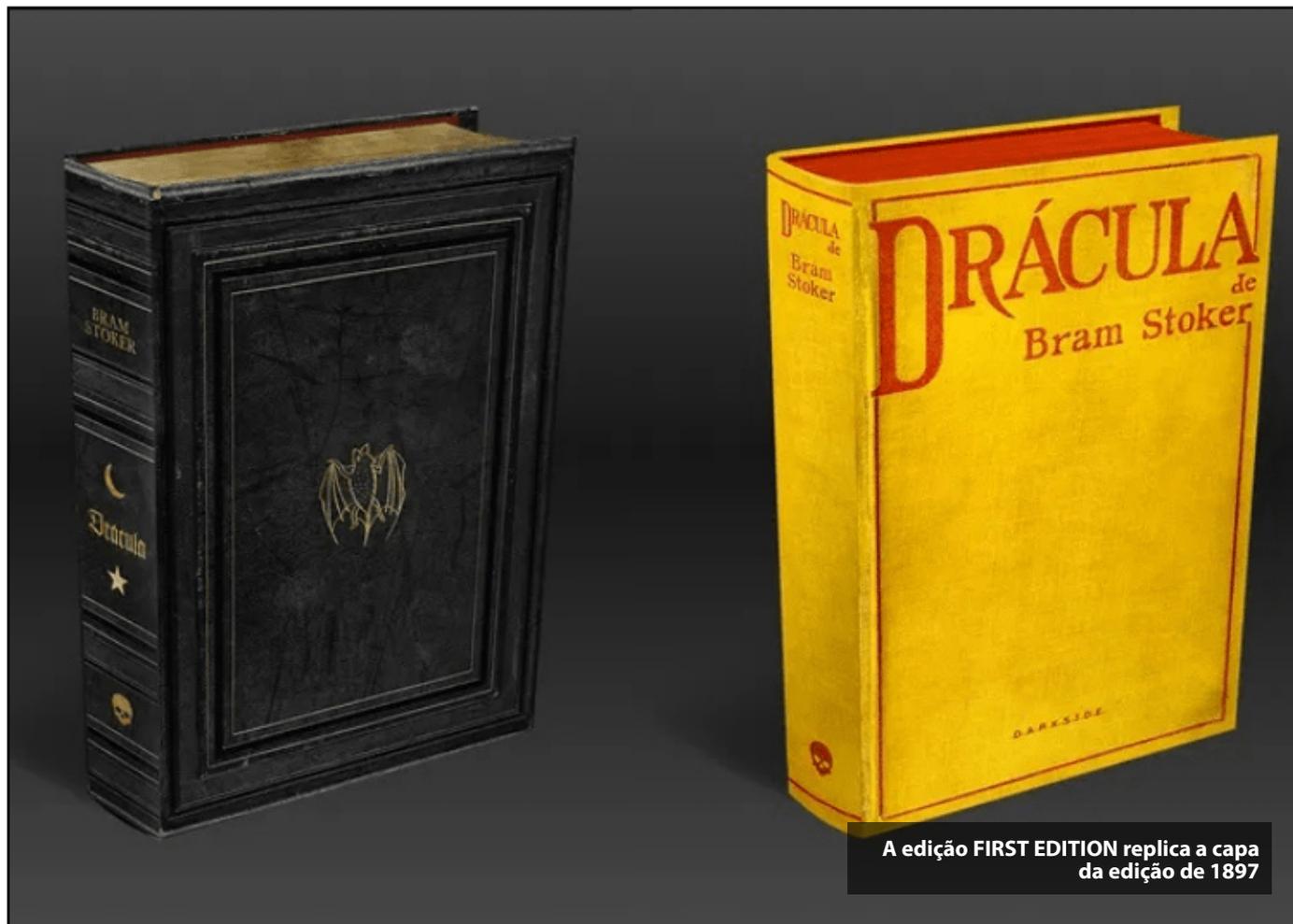


Imagem de divulgação

com a icônica capa amarela da primeira publicação, em 1897, uma edição inédita no mercado brasileiro que eterniza o brilho e o encanto do sol, algo inalcançável diante de toda a dor da eternidade; e a DARK EDITION, dedicada aos leitores trevosos de coração sombrio. Por dentro elas carregam o mesmo conteúdo sangrento; por fora demonstram a vida e a beleza de um clássico imortal.

Para fazer os leitores se arrepiarem, Marcia Heloisa assina a tradução e introdução de Dracula. E como sangue tem poder, o descendente direto do autor, Dacre Stoker, escreve a preciosa apresentação desta edição.

Carlos Primati e Marcia Heloisa dão suas contribuições para a perpétua criatura. O leitor encontra textos de apoio que contam as relações entre a

verdadeira Transilvânia e a aquela eternizada no livro, bem como a influência dos vampiros na cultura pop mundial. E como a DarkSide® Books sabe o que faz o coração dos vivos leitores da editora bater mais forte, apresenta também o conto "O Hóspede de Dracula", que fazia parte do texto de Stoker, mas foi retirado da primeira publicação.

Todo esse conteúdo, planejado especialmente para os darksiders que sabem que existe uma razão para as coisas serem como são, é ornamentado com as belas e poderosas imagens de Samuel Casal, premiado quadrinista e ilustrador brasileiro, que fez uma releitura deslumbrante de personagens imortais.

A coleção Medo Clássico da DarkSide® se consolida a cada mestre que entra em sua casa, fazendo uma home-

nagem aos grandes nomes da literatura que já causaram pesadelos inenarráveis aos leitores, década após década. Para eternizar a experiência, sempre traz ilustradores convidados e tradutores que respiram e conhecem profundamente as obras originais. De fã para fã. Até o fim.

Sobre o autor

Bram Stoker (1847-1912) foi um autor irlandês que ganhou reconhecimento mundial com sua obra-prima gótica, Dracula. Embora tenha se formado em matemática, atuou como diretor do Lyceum Theatre, de Londres, e depois encontrou nas letras a verdadeira vocação. Dracula tornou-se um marco na literatura e deu origem a várias adaptações no teatro e cinema, incluindo a clássica de 1931 com Bela Lugosi no papel de conde Dracula.

RESERVA

CULTURAL

HORÁRIO:

20H30

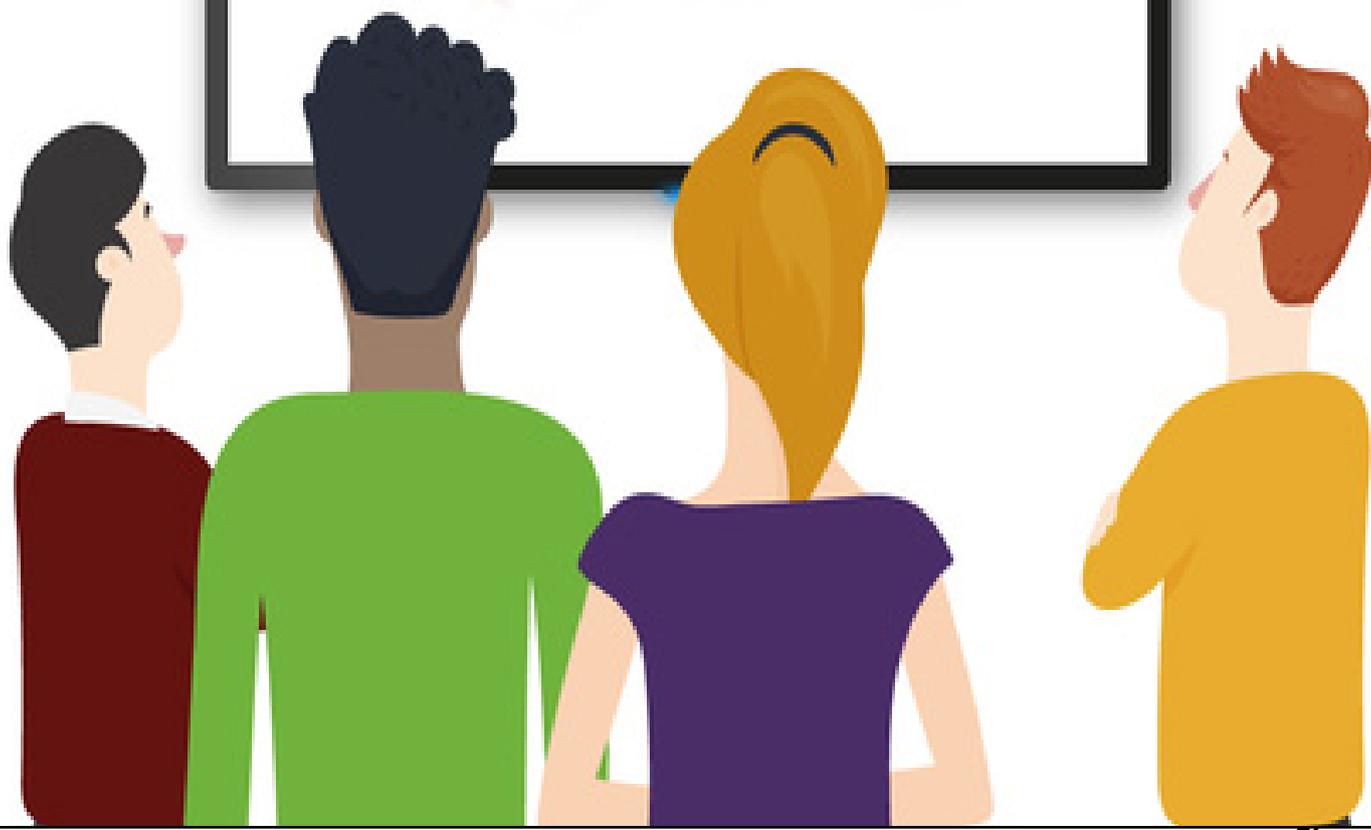
***SOMENTE QUARTA**



PRÉ-ESTREIA **ELVIS**

VEJA PROGRAMAÇÃO COMPLETA www.reservacultural.com.br

DIGITAL SIGNAGE NA PREFEITURA: A GESTÃO AO ALCANCE DAS PESSOAS



CEM ANOS MODERNOS

REDAÇÃO

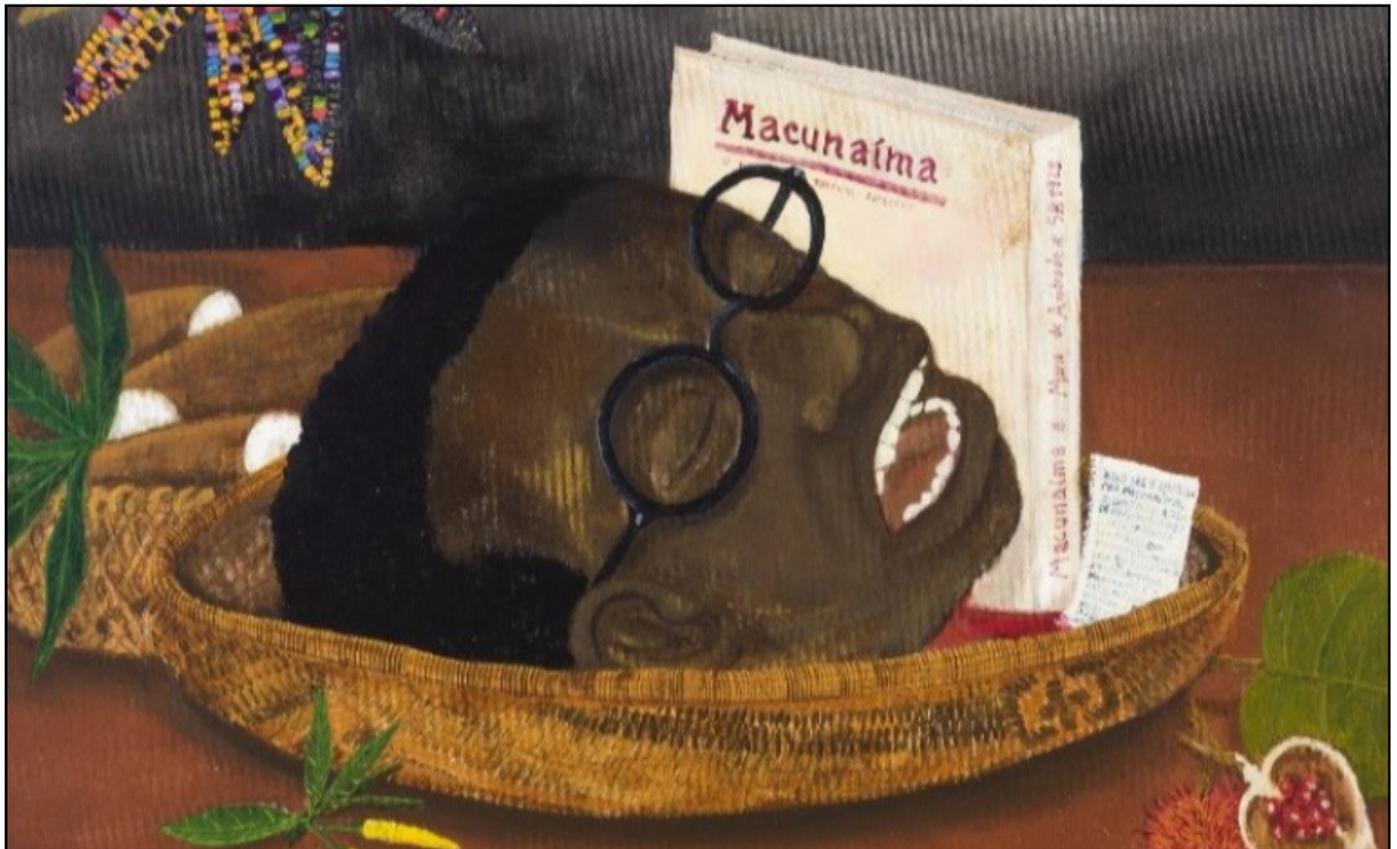


Imagem de divulgação

A exposição Cem anos modernos, do Museu da Imagem e do Som (MIS), instituição da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo, propõe uma leitura que não vê na Semana de 1922 o momento de criação de um Brasil moderno, mas sim como um momento de abertura de portas para a modernidade.

Idealizada pelo curador Marcello Dantas e pelo compositor e crítico literário José Miguel Wisnik, a mostra aposta no caráter exploratório por um

grande labirinto, em que um Brasil múltiplo, indomável, incoerente e por vezes contraditório vai se revelando. A ideia é convidar o público a explorar, em cada nova sala, essa vontade de ver e se apropriar de diferentes aspectos da cultura brasileira.

A mostra parte da concepção, articulada por José Miguel Wisnik, de que o movimento modernista vocalizou de maneira programática, com alarde exibicionista e provocador, questões que estavam em ebulição. São exemplos dessas questões a quebra dos tabus

estéticos da representação da natureza, da linearidade sintática, da poesia metrificada, da consonância tonal em música – rupturas que marcariam a linguagem artística do século 20.

Elas se apresentam, por exemplo, em Galo ou abacaxi, pintura de Cícero Dias de 1940 em que o animal e a fruta se confundem numa tela amarela, mas também se materializam na imagem fotográfica do cantor Roberto Carlos recebendo um troféu do apresentador televisivo Chacrinha – sim, o famoso “Troféu Abacaxi”.

Diversidade de caminhos e leituras para os visitantes

Diferentemente do que é comum no circuito de grandes exposições, não há um caminho específico traçado para os visitantes: cada pessoa que entrar na mostra construirá sua própria saída, passando por diferentes salas, cada uma levando a novas galerias, até a chegada ao presente. “Toda a história dessa exposição é sobre você se descobrir dentro desse labirinto. Duas pessoas não viverão a mesma exposição”, explica o curador Marcello Dantas.

Uma das obras pelas quais o visitante pode passar, dependendo do caminho que trilhar, é o filme *Limite*, de Mário

Peixoto. Outra, o projeto e imagens das máscaras que Flávio de Carvalho imaginou para *O bailado do Deus Morto*, de 1933. Também em Flávio de Carvalho, desta vez de 1956, temos o desenho e a fotografia de seu *Passeio de saia*, acompanhado homens engravatados embasbacados com seu questionamento artístico à ordem heteronormativa.

Nem todas as portas levam a proposições positivas – uma das portas abre, por exemplo, uma sala para o integralismo, a versão verde-amarela do fascismo. A ideia é tratar, também, dos aspectos autoritários que entraram pela porta da modernidade. “A *Semana de 1922* foi uma espécie de bomba de efei-

to retardado. Sem ser propriamente um espetáculo, ela explodiu aos poucos, revelando toda uma cultura brasileira que até então estava fora do circuito dominante”, complementa o curador.

As rupturas nas artes brasileiras ao longo de cem anos não se limitaram à literatura, às artes plásticas e à música erudita: também se fizeram imagens – no cinema –, sons – na música popular – e movimento – na dança, por exemplo –, atingindo também outros aspectos da vida cultural brasileira representados na exposição.

Diferentes portas se abrem no percurso do visitante – e a exposição aproveita essa metáfora e dá uma es-





Imagem de divulgação

pécie de concretude a ela. O prédio do MIS, assim, se transforma em um labirinto de portas, que podem ser de um armário ou uma simples cortina, portas de geladeira, cadeia, giratória, pantográfica, eletrônica, que priorizam a vocação do espaço para a imagem e o som, oferecendo muita música e projeções audiovisuais.

Nessa ciranda, surgem artistas que fizeram a cultura brasileira nos últimos cem anos, alguns deles contemporâneos nossos, como Anitta (não a Malfatti, pintora, mas a cantora), Elza Soares, Denise Stoklos, Emicida, Denilson Baniwa, passando também por Glauber Rocha, Ariano Suassuna e José Celso Martinez Corrêa. Numa sala do la-

birinto, o visitante assiste a trechos de Macunaíma, do cineasta Joaquim Pedro de Andrade, e uma das portas leva à obra da cenógrafa Bia Lessa.

Realização

A iniciativa faz parte do programa Modernismo Hoje, criado pelo Governo de São Paulo para celebrar o centenário da Semana de 1922.

A programação é uma realização do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura, Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo, Prefeitura de São Paulo e Secretaria Municipal de Cultura. Conta com patrocínio do

Bradesco, Sabesp, Vivo, EMAE, Prodesp e Comolatti e apoio institucional da Kapitalo, Bain&Company, TozziniFreire Advogados, Shimano e PWC por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura e do Promac.

Serviço:

Data: de 2 de junho a 28 de agosto

Horário: de terça a domingo, das 11h às 19h - com permanência até as 20h

Ingressos: mis-sp.byinti.com/#/event/cem-anos-modernos | inteira R\$ 30,00, meia-entrada R\$ 15,00, terças gratuitas

Local: MIS Jardim Europa espaço expositivo 1º andar | Avenida Europa, nº 158 - Jardim Europa, São Paulo - SP

An aerial photograph showing a coastal town with numerous houses and buildings, situated on a green hillside. A winding road with several vehicles is visible in the foreground, curving through the lush vegetation. In the background, a large body of water is visible under a clear sky. A large teal graphic element is overlaid on the left side of the image.

A Arteris está de cara nova

E sempre em
movimento

ALBERT ECKHOUT

Albert Eckhout nasceu no ano de 1610 em Groningue na Holanda. O artista se destacou por ser um dos primeiros pintores holandeses que retrataram cenas do Brasil. Eckhout fez parte da comitiva de Maurício de Nassau, na época da colonização e ocupação holandesa no século XVI. Nas obras de Albert Eckhout temos registros de índios de algumas tribos no Brasil, dos africanos e também de frutas e vegetais típicos brasileiros.

O artista foi escolhido para a expedição científica organizada por Willem Piso por ordem do governador da Nova Holanda, Maurício de Nassau. Albert Eckhout trabalhou junto com outro artista nesse trabalho de registrar as coisas do novo mundo, Frans Post. Enquanto Post se dedicou a pintar paisagens, Eckhout fez obras sobre as pessoas no Brasil, como os índios, também pintou os animais e as natureza brasileira.

Eckhout é um dos primeiros artistas a fazer uma representação realista de um índio tupi.

Na pintura acima temos a representação de um guerreiro da tribo Tupi. O índio está segurando um arco com diversas flechas nas mãos e na cintura tem uma faca de origem europeia. Quando os portugueses chegaram ao território brasileiro, encontraram os índios. Para poder dominar as terras brasileiras os portugueses se aliaram a



Frutas brasileiras, Albert Eckhout



Mulher Negra com Criança, Albert Eckhout

tribos indígenas contra outras tribos indígenas provocando guerras como forma de dizimar uma parte da população indígena, por isso o índio tupi carrega uma faca europeia, isso vem do contato com os europeus e as guerras travadas.

Outra pintura famosa de Albert Eckhout é o retrato de uma indígena da tribo tupi.

Na pintura acima temos uma Índia da tribo Tupi carregando um bebê no colo e uma cesta de mantimentos (a mulher parece sempre ter uma carga maior de trabalho em qualquer lugar desse mundo). O mais interessante nessa pintura é a fazenda que existe ao fundo, no século XVI, mostra que apenas em cento e cinquenta anos, a parte do nordeste

brasileiro já estava colonizada.

O artista também pintou telas sobre outras pessoas que encontrou no Brasil de Maurício de Nassau, como a obra Mulher Negra com Criança.

Mulher Negra com Criança foi uma pintura feita na época do auge do Quilombo dos Palmares, na época do líder Ganga Zumba. A mulher retratada por Albert Eckhout usa um colar e brincos de pérolas, pulseiras de ouro, e parece que tem um pequeno punhal na cintura. Já o menino está segurando uma espiga de milho e na outra mão tem um passarinho.

Eckhout também retratou um guerreiro do Quilombo dos Palmares.

Guerreiro do Quilombo dos Palmares

é uma pintura de um homem preto que carrega uma lança afiada em uma das mãos, na cintura tem um facão embainhado, e nas costas também carrega flechas, ou seja, um típico guerreiro. Os quilombos eram locais onde os negros escravos que fugiam se reuniam como uma comunidade.

Uma das formas de economia da colônia Brasil era as plantações de cana de açúcar que eram exportados para a Europa, esse tipo de plantação eram feitas em propriedades enormes, os latifúndios, com mão de obra escrava. Até o século XIX, esses donos de terras que usavam escravos se recusavam a abrir mão disso, não queriam a abolição da escravidão de forma nenhuma, por isso protelaram até não poder mais.

Além de retratar as pessoas no Brasil, Albert Eckhout também pintou natureza morta, ou seja, as frutas brasileiras.

Na imagem acima temos retratada as frutas banana, goiaba, pitanga, manga, carambola, entre outras. Assim como a Europa tem suas frutas típicas, o Brasil também tem, mas como nosso país é muito grande, a variedade de frutas é enorme. Existem frutas na pintura de Albert Eckhout que eu não sei o nome, também tem dois tipos de banana, a chamada banana da terra e a banana maçã.

O artista também pintou animais como as aves típicas do Brasil.

Acima temos a ave chamada pelo nome de Arara, além dessa espécie retratada por Eckhout, temos a famosa Arara Azul.

Albert Eckhout morreu no ano de 1665.

Fonte: culturalizando.blog/

"O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?"

Não proteger a infância
é censurar o futuro.



MPT

Ministério Público do Trabalho



Christine Costner Sizemore

CHRISTINE SIZEMORE

Christine Costner Sizemore nasceu em 4 de abril de 1927. Trinta anos depois, sua história estava sendo levada às telas do cinema e a atriz escolhida pra representá-la, um ano depois, ganharia o único Oscar de Melhor Atriz da carreira. Joanne Woodward era, naquele momento, mais uma atriz de TV e a namorada de Paul Newman, com quem viria a se casar em 1958 e viver até a morte do ator, em 2008 (cinquenta anos!). Mas o papel mudou seu patamar no cinema.

FERNANDO AUGUSTO LOPES
Não era pra menos. A estranha história de Sizemore era ainda mais espetacular naqueles anos 1950, com a psiquiatria evoluindo e descobrindo novos e infundáveis caminhos do labirinto da mente humana.

A Sizemore do filme "As Três Faces De Eva" (The Three Faces Of Eve) era uma dona de casa despreocupada que sofre do que agora é chamado de transtorno dissociativo de identidade, a doença psicológica que se manifesta na exibição de múltiplas personalidades, um

prato cheio pra uma atriz impecável como Woodward.

O roteiro foi adaptado do livro de mesmo nome, escrito pelos psiquiatras Corbett H. Thigpen e Hervey M. Cleckley. Embora no filme a personagem Eva White assumisse "apenas" mais duas personalidades, Eva Black e Jane, a verdadeira Sizemore apresentou mais de vinte personalidades, que apareciam em grupos de três.

É tão impressionante que o diretor



Imagem de reprodução

Nunnally Johnson começou o filme de uma maneira inusitada: o jornalista britânico Alistair Cooke é o narrador e aparece na frente da câmera, na primeira cena, falando diretamente aos espectadores, que a incrível história que eles estão prestes a ver é verdadeira, ou, nos termos usados, “um fac-símile de eventos reais”. Não bastavam apenas algumas letras na tela dizendo que aquilo era baseado em fatos reais.

Ok, apesar da dose de sensacionalismo que deve ter impressionado os espectadores de uma época de poucas informações, não deixava de ser verdade, em grande parte.

No final do livro e do filme, a protagonista se cura, com uma das personalidades, a mais centrada, se instalando pra sempre. Mas na vida real não foi bem assim, tão simples. O final feliz foi prematuro o suficiente pra fazer valer os poucos dólares do ingresso do cinema.

Mas Christine Costner Sizemore passou por momentos muito mais sombrios. Seu primeiro casamento, como conta o filme, foi pro beleléu por motivos óbvios, principalmente porque o bronco do marido era também abusivo. Ela se casou de novo e até isso não foi um fim; ela suportou uma identidade fragmentada até meados da década de 1970, vendo vários psiquiatras depois de Thigpen e Cleckley, autores do livro, até que, aos cuidados de um médico da Virgínia, Esteites, Tony Tsitos, suas personalidades foram unificadas.

Ao New York Post, em 1975, ela disse: “você não sabe como é maravilhoso ir para a cama à noite e saber que será você quem acordará no dia seguinte”. Não era exagero.

A forma como seu eu se dividia era notável. Algumas de suas personalidades sabiam dirigir, por exemplo, mas outras não. Ela abriu uma loja de tecidos, segundo seu filho, “porque uma

das personalidades era uma costureira talentosa”.

Suas personalidades se vestiam de maneira diferente, falavam de maneira diferente, com sotaques diferentes, comiam de maneira diferente e isso chegava a fazer Sizemore engordar ou emagrecer, dependendo de quem estivesse no comando. “Certa vez, pesava oitenta quilos porque estava alimentando três pessoas diferentes com refeições diferentes no mesmo corpo”, disse ela ao mesmo Post.

O doutor Tsitos começou a tratá-la em 1970 e, em 1974, ela não estava mais se dissociando.

Segundo o New York Times (de onde foi tirada a genial foto que ilustra este artigo, de autoria de David Longstreath, da Associated Press), os psiquiatras acreditam que a dissociação é um mecanismo de defesa: uma reação a traumas graves na infância ou abuso físico, emocional ou sexual prolongado. No

caso de Sizemore, a fragmentação em sua mente começou quando ela tinha apenas dois anos, depois de ter testemunhado uma série de incidentes horríveis, incluindo sua mãe sendo ferida gravemente em um acidente de cozinha, o funeral de uma criança, o arrastamento de um cadáver em uma vala e um homem sendo “cortado ao meio por uma serra em uma serraria”, disse ela ao Post.

Conforme ela crescia, ela era punida por atos de desobediência ou crueldade que ela não se lembrava de ter cometido. Ela ficaria perplexa com um teste na escola pro qual uma personalidade diferente havia se preparado. Assim, com vários episódios do tipo, nunca terminou o ensino médio.

Sizemore escreveu dois livros após curada: em 1977, saiu “Eu Sou Eva” (“I’m Eva”), escrita com a prima Elen Sain Pittillo. Em 1989, escreveu uma continuação de suas memórias, “A Mind Of My Own”, em que ela contou a integração de suas personalidades e sua vida depois da cura. Anos depois, ela foi uma oradora frequente em nome de pessoas com doenças mentais e uma pintora figurativa talentosa, de acordo com o NYT.

Seu segundo marido, Don Sizemore, morreu em 1992. Além de seu filho, um orientador de escola secundária, Christine Sizemore deixou duas irmãs, Louise Edwards, conhecida como Tiny, e Becky Walton; sua filha, Taffy Fecteau, do primeiro casamento; dois netos e três bisnetos. Christine morreu em 24 de julho de 2016, aos 89 anos.

Já o doutor Tsitos, que se tornou famoso com o caso, acabou sendo preso em fevereiro de 2021, por pedofilia, compartilhando pornografia infantil.

Colin A. Ross, um psiquiatra especializado em dissociação, publicou um livro em 2012, chamado “The Rape Of Eve”, no qual acusava o Dr. Thigpen de ter exercido uma influência antiética sobre Sizemore e a manipulou pra propósitos nefastos durante e após o término de seu tratamento com ela. Dr. Thigpen morreu em 1999.

“Em diferentes ocasiões, ele atuou como psicoterapeuta, publicitário, agente literário, agente cinematográfico, editor de livros, negociador de contratos e consultor jurídico dela”, escreveu Ross. “Ele compareceu ao funeral do marido dela sem ser convidado, era padrinho do filho dela e se envolveu em má conduta sexual com ela. Ele providenciou pra que ela fizesse um aborto e, durante o procedimento, ela foi esterilizada sem o consentimento dela ou do marido”.

A vida de Sizemore foi turbulenta o suficiente com suas mais de vinte personalidades, mas ela também se envolveu com muita gente aproveitadora e de caráter duvidoso.

Pra além do seu caso especialíssimo, porém, há a inspiração que a história produz nas mentes criativas. “As Três Faces De Eva” foi um filme de sucesso mediano, o que é compreensível. Mas a história não parou ali, como vimos.

Em 1977, um artigo da Observer contava sua história, com Sizemore já sem a dissociação. Como viva hoje aquela mulher?

A revista foi parar nas mãos de Steven John Bailey, então com 22 anos, que um ano antes, com o nome de Steve Havoc – e depois Steve Severin –, empunhando seu baixo, havia criado a Siouxsie & The Banshees.

Naquele momento, o baterista

Kenny Morris sugeriu que uma foto ligeiramente alterada (com os olhos e a boca escurecidos) de Christine como uma criança de dez anos, seria a capa ideal pro single de “The Staircase (Mystery)”, lançado em 23 de março de 1979. A ideia foi rejeitada, pois não havia nenhuma conexão aparente entre a música e Christine Sizemore, pra fundamentar o uso da fotografia. Uma foto do vídeo promocional da música foi usada pra capa.

Tempos depois, o guitarrista John McKay e Kenny explicaram à imprensa que um dos motivos que fizeram eles saírem da banda foi o desacordo em relação à capa de “The Staircase (Mystery)”.

Peter “Budgie” Clarke e John McGeoch os substituíram.

Embora a ideia de Kenny tenha sido rejeitada, Steven ficou suficientemente fascinado com a história pra fazer mais investigações sobre os antecedentes de Christine Sizemore.

A partir daí, Severin conseguiu uma cópia de “Eu Sou Eva”. No livro, ela explica em muitos detalhes os incidentes mentalmente perturbadores que ocorreram em sua infância e que continuaram por toda sua vida. Severin ficou impressionado com aquela mulher que sofreu em uma idade tão tenra as coisas mais duras. Sua dissociação era seu mecanismo de defesa.

Mas Severin ficou mais impressionado com o mecanismo da doença. É algo que vem dos porões do cérebro, inalcançável voluntariamente. Era como se a pessoa abrisse os portões do inferno e seus medos pudessem livremente circular. Um mundo sem fronteiras, sem travas sociais. Você é o que você acha que tem que ser pra se defender do que

a realidade estapeia na sua cara.

Inspirado, Steve Severin escreveu a letra que falava das vinte e duas personalidades que afloravam em Christine.

O single foi gravado em fevereiro de 1980 nos estúdios Surrey Sound e produzido por Nigel Gray e pela própria banda.

“Christine” entrou no álbum “Kaleidoscope”, de 1980, o terceiro e mais bem-sucedido da banda. O single chegou ao posto de número... vinte e dois nas paradas britânicas, uma coincidência inusitada.

A letra não é nada sutil: “Ela tenta não quebrar, estilo caleidoscópio / A personalidade muda por trás de seu sorriso vermelho / Cada novo problema traz um estranho pra dentro / Forçando inevitavelmente mais um novo disfarce”.

O refrão cita uma personalidade de Christine, que estão no livro, “the strawberry girl” e chama a personagem de “banana split lady”, outra das suas personalidades, o que é bem fofo, dado a situação. Mas a parte mais forte é quando diz “Agora ela está em carmesim / Agora ela é a tartaruga / Desintegrando”.

A Christine da Siouxsie & The Banshees é apropriada pro estilo sombrio, naquela fase da carreira, da banda. Enigmática, como a própria Siouxsie Sioux.

No lado B, mais Sizemore. E de maneira mais explícita. A faixa se chama “Eve White / Eve Black” e é ainda mais soturna.

A imprensa recebeu a música de forma meio morna: “mal reconhecíveis como os Banshees, eles deixaram pra trás seus arranjos anteriormente áridos e áduos, como esperando a morte, e produziram um caso muito

mais leve e fluente desta vez, embora seu gosto pelo bizarro e melodramático permaneça”, ressaltando que a personagem da canção era estranha o suficiente pra banda. “Ouvindo com atenção, no entanto, o estilo é familiar em parte, o baixo profundo e estrondoso de Severin, a insistente bateria de apoio de Budgie – mas Siouxsie está completamente transformada. Sua voz ainda é o suficiente pra gelar os ossos, mas contendo mais sentimento e convicção, como se ela estivesse realmente se relacionando com a música desta vez”.

O single surgiu vinte e três anos depois do filme, tendo Christine já curada, sem dissociações e com o primeiro livro lançado, e o filme enfrentando o peso da história, com a chegada da era dos blockbusters.

Veja, em 1980, Joanne Woodward

já era uma atriz consagrada e tinha 50 anos. Susan Janet Ballion, a Siouxsie Sioux, nasceu exatamente em 1957, ano de lançamento do filme (ela nasceu em maio, o filme chegou aos cinemas em setembro). São apenas mais duas coincidências a ligar os tantos personagens da história.

Mesmo assim, a música não acrescentou nada à história de Sizemore. Mas significou muito pra banda. Não se tem notícia se Sizemore comentou algo sobre a música.

Severin e Siouxsie, anos depois justificaram-se do porquê compor sobre o tema: “ela (Sizemore) se tornou um caso clássico por causa dos traumas pelos quais passou quando criança. Ela testemunhou muitos atos violentos. Parte dessa opressão sentida aparece nas nossas apresentações”. É como se a história e a banda fossem feitos um pro



CONTE COM NOSSO TIME PARA CUIDAR

Do seu Negócio



ÊXITO

(11) 4419-0951

1883

MAGGIE TILLMAN

A série de TV de sucesso Yellowstone encerrou recentemente sua quarta temporada. Se você é um fã, você provavelmente está se perguntando o que vem em seguida no universo Dutton. Bem, ele foi expandido com um prequel spinoff chamado 1883.

Aqui está tudo o que você precisa saber sobre o novo programa de TV, incluindo quem ele estrelou, sobre o que é, trailers disponíveis, como assistir e até mesmo como se colocar em dia.

Qual é a premissa de 1883?

A nova série de TV de 1883 segue a história da origem da família Dutton, en-

Foto: Paramount +

quanto eles “expandem o Oeste através das Grandes Planícies em direção ao último bastião da América não-colonizada”. O prequel estrelou Tim McGraw e Faith Hill. E é criado por Taylor Sheridan, que também criou Yellowstone.

Quem estrelou em 1883?

Além de Tim McGraw e Faith Hill, o elenco é arredondado por Sam Elliott como Shea Brennan, um cowboy que guia os Duttons do Texas a Montana. Também estrela Isabel May como Elsa, a filha mais velha dos Duttons; LaMonica Garrett como Thomas, um Pinkerton que trabalha com o Shea de Sam Elliott;

e há uma aparição de Billy Bob Thornton como Marechal Jim Courtright.

Outros membros do elenco incluem Audie Rick como filho do Duttons (e futuro avô do John de Yellowstone) John Dutton Sr, bem como Dawn Olivieri como irmã de James Dutton Claire. Também fazem parte Marc Rissmann, Eric Nelsen, James Landry Hebert, Emma Malouff, Alex Fine, Gratiela Brancusi, Anna Fiamora, Nichole Galicia, Stephanie Nur, Amanda Jaros, e Noah Le Gros.

Quando será a estréia de 1883?

Os dois primeiros episódios de 1883 foram exibidos após Yellowstone, em 19

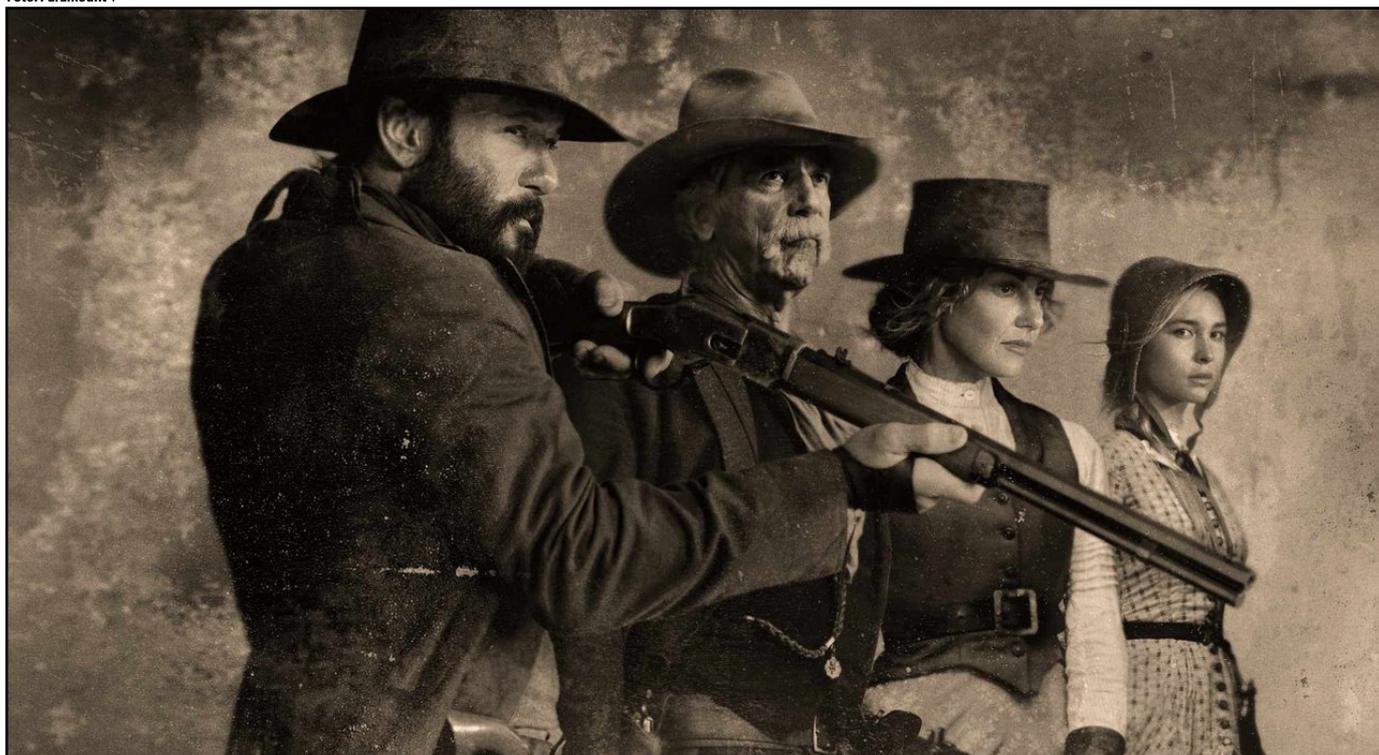




Foto: Paramount +

de dezembro de 2021. A primeira temporada é composta de 10 episódios.

Onde você pode assistir a 1883?

Você pode assistir 1883 nos EUA exclusivamente no serviço de streaming da Paramount+, com novos episódios disponíveis aos domingos. A Paramount+ oferece dois planos: O plano Essential tier com comerciais limitados por US\$ 4,99 por mês, e o plano Premium de US\$ 9,99 sem anúncios (exceto na TV ao vivo e alguns programas).

Reino Unido

A ViacomCBS fez um acordo com a Sky para lançar a Paramount+ no Reino Unido, Áustria, Alemanha, Irlanda, Itália e Suíça em 2022. O lançamento no Reino Unido será em 22 de junho de 2022.

Ele estará disponível nas plataformas Sky (mais a Sky continuará a operar com canais de TV por assinatura ViacomCBS, como a Comedy Central). Os assinantes da Sky Cinema receberão a Paramount+

sem custo adicional, aparentemente, mas outros clientes da Sky terão que adicioná-la às suas contas - mas também estará disponível diretamente através do aplicativo Paramount+, nos aparelhos da Apple, Google, Roku e Samsung - portanto, o acesso é amplo.

Como se recuperar e se preparar para 1883

Para se preparar para 1883, você deve assistir às primeiras quatro estações de Yellowstone on Peacock, o serviço de streaming da NBC Universal nos EUA. Cada temporada também está disponível para compra através do Amazon Prime Video, ou você pode comprar a série em DVD, se preferir possuir uma cópia física.

O que mais existe no universo Dutton?

O universo Dutton está se expandindo com mais séries de spin-off. O criador de Yellowstone, Taylor Sheridan, revelou no ano pas-

sado que só este ano haveria pelo menos dois shows. Uma é 1883. A outra é Yellowstone 6666. Ela estreou em 4 de março de 2022 na Paramount+.

Aqui está a sinopse completa do 6666:

“Fundada quando Comanches ainda governava o Oeste do Texas, nenhum rancho na América está mais inclinado na história do Oeste do que o 6666. Ainda funcionando como funcionava dois séculos antes, e abrangendo todo um condado, o 6666 é onde a regra da lei e as leis da natureza se fundem em um lugar onde a coisa mais perigosa que se faz é a próxima coisa ... O 6666 é sinônimo de esforço impiedoso para criar os melhores cavalos e gado do mundo e, finalmente, onde os cowboys de classe mundial nascem e são feitos. A série será produzida executivamente por Sheridan, John Linson, Art Linson, David Glasser, Ron Burkle e Bob Yari”.

Fonte: pocket-lint.com/



Cantora Siouxsie Sioux

O DIGITAL SIGNAGE E COMO ELE AJUDA A VENDER MAIS



@DIGITALTVMIDIA